

# RELAÇÕES DE GÊNERO SOB A ÓTICA DA MATRIZ DOS SIGNIFICADOS DOMINANTES DE PIERRE BOURDIEU

## GENDER RELATIONS IN THE OPTICS OF PIERRE BOURDIEU'S DOMINANT MEANING MATRIX

Marilene Cabello Di Flora<sup>1</sup>

1. Doutora em Comunicação e  
Poéticas Visuais pela UNESP –  
Bauru. Docente da Universidade  
do Sagrado Coração

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

### RESUMO

As relações de gênero tem sido atualmente o foco de debates de inúmeros Grupos de Pesquisa no âmbito acadêmico. As abordagens que tratam desta questão diversificam em seus conceitos, fundamentados em princípios de ordem individual ou social. O propósito do presente estudo se concentra na discussão da dominação masculina ainda tão presente em suas mais variadas formas nas diferentes instâncias de nosso cotidiano. A explicação se baseia na Teoria do *Habitus* de Pierre Bourdieu, um dos mais respeitados sociólogos da era contemporânea na tentativa de mostrar a atualidade do autor nesta discussão. Com base em seus estudos etnológicos, Bourdieu chegou à conclusão de que a dominação masculina está inscrita na divisão entre os sexos que aparece naturalizada e incorporada por homens e mulheres sob a forma de *habitus*. Neste particular as instituições tradicionais da sociedade exercem papel fundamental no processo de socialização das novas gerações.

Recebido em: 30/09/2010  
Aceito em: 04/12/2010

**Palavras Chave:** Gênero; Matriz dos significados dominantes; Bourdieu.

## ABSTRACT

Gender relations have nowadays been the focus of debate for various Research Groups in the academic context. The approaches regarding this issue differ in their concepts, founded on principles of individual or social nature. The aim of the present study lies on the discussion around the male dominance still so present in its various forms in different instances of our everyday life. The explanation is based on the Theory of Habitus in Pierre Bourdieu, one of the most respected sociologists in the contemporary age, seeking to show the author's up-to-date views in this discussion. Based on his ethnological studies, Bourdieu concluded that male dominance is inscribed in the division between sexes which appears naturalized and incorporated by men and women under the form of habitus. In this respect, society's traditional institutions play a fundamental role in the socialization process of new generations.

**Keywords:** Gender. Dominant-meaning matrix. Bourdieu.

## 1.0 Introdução

Nestes últimos séculos a mulher brasileira tem vivido mudanças e conquistas significativas em relação aos seus direitos - direito ao voto, à participação no mercado de trabalho e à instrução, à possibilidade de denunciar maus tratos sofridos da parte de seus parceiros, entre outros. Em que pese todas essas conquistas, o fato é que ainda hoje se presencia a luta das mulheres em relação a esses direitos. Ainda há muita coisa a se fazer, pois a realidade tem demonstrado o quanto o cotidiano destas mulheres é marcado pela opressão de um contexto sociocultural resultante de séculos de dominação.

Assim, o estudo das relações de Gênero tem sido objeto de inúmeras frentes de pesquisa na busca do entendimento do perfil destas relações no mundo designado como pós-moderno.

Na história das Ciências Humanas inúmeros são os pensadores que se interessaram em explicar as tão propaladas diferenças entre o

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

masculino e feminino as quais subsidiariam a dominação do homem sobre a mulher. Com Freud, na Psicanálise, essas diferenças se explicariam pelas características biológicas próprias de cada sexo; para a abordagem histórica crítica, a dominação masculina seria plasmada pelas condições sócio históricas com ascensão do princípio masculino do trabalho abstrato; para os frankfurtianos, o domínio do homem sobre a mulher constitui-se num capítulo do domínio do homem sobre a natureza. Em que pese a importância da pesquisa destes pensadores, neste texto a análise se concentrará na tese do pensador francês Pierre Bourdieu que explica o fenômeno da dominação masculina como resultante da violência simbólica que é historicamente arbitrária, pois a divisão entre os sexos aparece naturalizada como que impregnada na ordem natural das coisas, incorporada por homens e mulheres na forma de *habitus*

Ao se referir à Teoria do *Habitus* proposta por Bourdieu, Setton (2002), numa leitura contemporânea da produção científica do autor, considera o conceito como útil para pensar as características de uma identidade social, como uma matriz cultural que predispõe o indivíduo a fazer as suas escolhas.

Com relação ao fenômeno da socialização efetivado por instituições sociais consagradas como a Escola e a Mídia, pesquisadores contemporâneos consideram atual a crítica proposta por Bourdieu em relação à Escola como agente de socialização que longe de equiparar os escolares para a superação das desigualdades sociais, pelo contrário, reforça esta desigualdade uma vez que não instrumentaliza os jovens para vencer os obstáculos de ordem social e cultural. A Escola, portanto, reproduz as diferenças enquanto transmissora do capital simbólico o qual tem homologia com o capital econômico.

Os conceitos de *habitus* e socialização constituem as bases para a explicação do autor em relação ao fenômeno da dominação masculina, a partir de seus estudos sobre a questão com base em sua permanência de anos junto à comunidade dos Kabiles no norte da África.

Segundo Bourdieu, a (re) criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina deve-se à ação exercida pelas instituições responsáveis por essa permanência: Igreja, Estado, Escola, Mídia e outras.

Neste texto pretende-se apresentar os principais pontos defendidos pelo autor na tentativa de explicação de um fenômeno que muitos acreditam superado, mas que tem se apresentado teimosamente no cotidiano de muitas de nossas mulheres.

## Contextualização socio-histórica das formas simbólicas e a Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu

A abordagem de Bourdieu sobre a questão das relações assimétricas entre os gêneros que priorizam a dominação masculina fundamenta-se de seus estudos etnológicos, que duraram 10 anos, em Cabília, sociedade camponesa, originária dos Kabiles, tribo integrante dos povos berberes que ocupavam as montanhas Atlas, localizadas ao Norte da África.

Mediante este estudo, o autor procurou traçar um estudo sócio analítico do inconsciente androcêntrico propondo-se a delinear a dialética entre as estruturas objetivas e as formas cognitivas ou simbólicas, com vistas a operar a objetivação das categorias desse inconsciente.

O estudo do comportamento dos camponeses de Cabília demonstrou que aqueles indivíduos salvaguardaram estruturas representativas da visão falo-narcísica, comuns a todas as sociedades mediterrâneas. A divisão entre os sexos aparece naturalizada, parecendo estar na ordem das coisas e incorporada pelos agentes em forma de *habitus*, princípio operador que possibilita a interação entre as estruturas objetiva e subjetiva. Essa divisão, desde que incorporada, funciona como um sistema que envolve a percepção, o pensamento e ação. Assim, a força da ordem masculina dispensa justificção.

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estruturados de conformidade com as estruturas mesmo da relação de do lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (BOURDIEU, 2002, p. 22).

Apesar da força do *habitus*, Bourdieu reserva um espaço para a luta cognitiva, a propósito do sentido das coisas do mundo e das realidades sexuais. Ao tratar especificamente da relação sexual, considera-a construída por meio do princípio da divisão fundamental entre o masculino-ativo e feminino-passivo. Por outro lado, este princípio também canaliza o desejo masculino para a posse e o feminino para o desejo da dominação masculina como subordinação erotizada. Dessa forma, o corpo e, especialmente, os órgãos sexuais são definidos socialmente. Não é o falo, como define Freud, o fundamento dessa visão de mundo e sim essa visão de mundo funda-

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

mentada na divisão em gêneros relacionais que constitui o falo como símbolo de virilidade.

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações, ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2002, p.33).

Para Bourdieu, há uma somatização das relações sociais de dominação resultante de um trabalho coletivo de socialização difusa, sendo que, neste caso, são as diferenças sociais que explicam as diferenças biológicas.

A postura submissa das mulheres, em Cabília, certamente, constitui o limite máximo do que até hoje se impõe às mulheres americanas e europeias. Mesmo o processo de libertação do corpo a partir do surgimento dos anticoncepcionais, não modificou esse quadro, pois o uso do corpo feminino continua subordinado ao olhar masculino.

A violência simbólica se impõe por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante, pois não dispõe de instrumentos ou esquemas de pensamento que coloque em cheque a forma incorporada de dominação. Assim, esta dominação aparece como natural e a visão que a maioria das mulheres tem do próprio corpo segue os cânones da moda.

Nestas circunstâncias, a força simbólica pode ser caracterizada como uma forma de poder que se exerce sobre os corpos sem qualquer coação física, como uma espécie de magia que só é eficaz valendo-se do apoio das predisposições incorporadas historicamente nas zonas mais profundas dos corpos. Bourdieu considera que se a força simbólica pode agir por meio de um gasto extremamente pequeno de energia, é porque ela encontra sua contrapartida econômica no intenso trabalho prévio de produção das disposições permanentes que ela desperta (BOURDIEU, 2000)

Daí a descrença de Bourdieu em relação à mudança nas paixões do *habitus* por uma simples tomada de consciência da dominação e da vontade de reverter o processo, visto que estão inscritas no mais íntimo dos corpos, sob as formas de aptidões, inclinações etc. Pelo contrário, o poder simbólico que os homens exerce sobre as mulheres só pode se efetivar com a colaboração das próprias mulheres que a ele se submete porque o constroem como tal.

Para Bourdieu, as estruturas cognitivas, que organizam o conhecimento sobre o mundo e os esquemas de dominação, são, por

sua vez, construídas socialmente. Neste aspecto, discorda de Marx e Lukács que não levaram em consideração os efeitos duradouros que a ordem masculina exerce sobre os corpos, produzindo, como resultado, uma submissão encantada, produto direto da violência simbólica.

O primado concedido à masculinidade em Cabília e, moderadamente, nas sociedades europeias e americanas, reside na lógica da economia das trocas simbólicas, que transforma tudo em signos de comunicação, orientados para a acumulação do capital simbólico. Para o autor, o papel das mulheres na economia dos bens simbólicos é o de se comportar como objeto, instrumento cuja função é contribuir para a perpetuação ou aumento do capital simbólico em poder dos homens. A dominação masculina, assim, inscreve-se na disposições (*habitus*) dos protagonistas (homens e mulheres) dessa economia: cabe às mulheres, nesse jogo de papéis sociais, comportar-se como objetos de troca; aos homens, cumpre o compromisso de levar a sério todos os jogos assim constituídos (BOURDIEU, 1974)

Por conseguinte, conforme explicita Bourdieu (2002), os homens, tanto em Cabília quanto nas sociedades ocidentais contemporâneas, também são prisioneiros e vítimas da representação dominante. A todo custo têm que manter a sua virilidade, sustentada por uma coragem física e moral que nada mais são do que o produto de um trabalho social de nominação e inculcação. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, aptidão ao combate e exercício da violência, é – acima de tudo – um peso, uma carga.

Como exemplo da contemporaneidade dessa exigência, Bourdieu (2002) citou a corrida suscitada pelo aparecimento do Viagra, em princípios de 1998, em busca da resolução da impotência em homens europeus e americanos, demonstrando que a ansiedade em torno da virilidade não é privilégio de sociedades exóticas como Cabília.

A virilidade, portanto, é uma questão relacional, que envolve os homens entre si contra a feminilidade, sinônimo de fraqueza que gera o medo do feminino. O estudo em Cabília leva à constatação de que esse inconsciente androcêntrico é resultado de uma construção histórica, originariamente formulado em um estágio muito antigo e arcaico da sociedade.

Bourdieu (2002) se colocou como crítico da Psicanálise, que defende a ideia de que esse inconsciente teria uma natureza biológica ou psicológica, com propriedades inscritas na natureza, como a diferença entre os sexos. Para ele, a virilidade e a masculinidade se constroem nos corpos através de seu adestramento, deixando-os aptos a entrar nos jogos sociais mais favoráveis a seu desenvolvimento:

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

a política, os negócios, a ciência. Por outro lado, a feminilidade se constrói no processo de feminilização do corpo, preparando a mulher para aceitar como evidentes e naturais as prescrições arbitrárias. Seu mundo é o privado, a casa e os espaços socialmente definidos como femininos, decorados com cores suaves, bibelôs, rendas e fitas simbolizando a fragilidade e a frivolidade.

A lógica, essencialmente social, do que chamamos de “vocação”, tem por efeito produzir tais encontros harmoniosos entre as disposições e posições, encontros que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação (BOURDIEU, 2002, p.72-73).

O ser feminino se constrói na experiência com o próprio corpo, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso do outro. A representação do próprio corpo é resultado de uma taxionomia social. Assim, o olhar é um poder simbólico e depende do lugar ocupado por aquele que percebe e aquele que é percebido. Por isso, muitas mulheres não aceitam o seu próprio corpo, manifestando mal-estar, timidez ou vergonha – que se apresentam tanto mais forte quanto maior a desproporção entre o corpo real e o corpo socialmente construído. Diante da dominação masculina, as mulheres – constituídas como objetos simbólicos – se apresentam em estado de insegurança corporal, pois existem primeiro para os outros, sobretudo os homens, ou seja, existem apenas enquanto objetos, cuja tarefa é estar disponível, ser receptiva e atraente.

Nesse particular, Bourdieu (2002) citou os tratamentos de beleza que têm o seu limite máximo na cirurgia estética, fonte de grandes lucros para as indústrias médicas que se dedicam a essa especialidade.

As mulheres que se reapropriam, de certa forma, de sua imagem corporal e da segurança diante de seus corpos, são estigmatizadas e rotuladas como não-femininas.

De qualquer forma, o acesso ao poder, seja ele de qualquer natureza, coloca as mulheres em condições de ambiguidade: se agirem como homens, perdem os atributos obrigatórios da “feminilidade”; se agirem como mulheres, apresentam-se incapazes e inadaptadas à situação.

De qualquer forma, a estrutura impõe suas pressões aos dois termos da dominação. O processo de socialização dos corpos e das

mentes, em Cabília ou nas sociedades ocidentais contemporâneas, predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam.

A dominação masculina, tal com entendida por Bourdieu (2002), tem seu fundamento na lógica de uma economia de bens simbólicos, que sobreviveu, sem atenuações, às profundas mutações que afetaram a produção e a organização do trabalho através da história. Essa aparente perenidade contribuiu para atribuir-lhe uma *essência natural*.

Nesse particular, Bourdieu (2002) sustenta a tese de que o eterno, na história, na verdade é produto de um processo histórico de eternização.

Para entender a origem da dominação masculina segundo Bourdieu (2002), deve-se empreender um trabalho de reconstrução da história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que homens e mulheres existem. Nesse aspecto, como já referido, salienta o papel das instituições que concorrem para a garantia dessa permanência. (BOURDIEU e PASSERON, 1975).

Quais os mecanismos e quais as estratégias aplicadas por essas instituições para o processo de perpetuação dos *habitus* ou predisposições de homens e mulheres a respeito de seus papéis sociais? Essas instituições tinham e tem em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes.

Apesar de todo o processo de perenização do histórico, Bourdieu (2002) vislumbrou a possibilidade de mudança, desde que a dominação masculina não seja mais compreendida como algo que é indiscutível. Entre os fatores indutores da mudança, os mais importantes são: o aumento do acesso das mulheres à instrução e à independência econômica, e a transformação das estruturas familiares. Apesar disso, no entanto, o autor aponta uma permanência dentro da mudança: o fato de as posições ou ocupações que se feminizam estarem desvalorizadas. Se for verdade que as mulheres já têm acesso às funções públicas, são sempre as funções mais baixas e mais precárias que lhes são reservadas e, nas mesmas tarefas, são menos remuneradas que os homens. As ocupações dominantes que as mulheres ocupam modernamente estão situadas nas regiões dominadas da área do poder.

Assim, as próprias mudanças das condições femininas são subjugadas à lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Portanto, as funções que as mulheres ocupam no espaço público

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

não são mais do que extensões de suas funções domésticas: ensino, cuidado humano, serviço. Quando funcionárias de empresas, quase sempre são levadas a exercer papéis de apresentação e representação, de recepção e de acolhida (aeromoça, recepcionista, anfitriã, guia turístico, etc...), como reflexo de seu papel no âmbito familiar, ou seja, de gestoras do capital simbólico. Nesse aspecto, Bourdieu (2002) salientou o cuidado extremo que essas mulheres precisam ter com a aparência física, visto que esses papéis que lhe são reservados implicam certa dose de sedução.

Em última análise: como explica Bourdieu a perpetuação das diferenças? Qual é o seu fator determinante? Para ele, tudo está centralizado na economia dos bens simbólicos e na sua autonomia relativa, que lhe permitem perpetuar-se acima das transformações dos modos de produção econômica.

Observando-se todos os aspectos enfocados até aqui, percebe-se que Bourdieu (2002) enfatizou o aspecto verdadeiramente relacional da questão de dominação entre os homens e as mulheres. Essa relação, na visão do autor, circunscreve-se tanto nos espaços domésticos como em outros espaços ocupados, inclusive no campo da mídia.

Quando se refere aos dualismos e ao desejo dos filósofos pós-modernos de ultrapassá-los, assim se coloca:

... estes, fundamentalmente enraizados nas coisas (as estruturas) e nos corpos, não nasceram de um simples feito de nomenclatura verbal e não podem ser abolidos com um ato de magia performática – os gêneros, longe de serem simples “papéis” com que se poderia jogar à vontade“ (à maneira das drag queens) estão inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força (BOURDIEU, 2002, p.122).

Contrário à Psicanálise e ao freudismo, Bourdieu (2002) considerou a sexualidade como uma invenção histórica, que se efetivou progressivamente à medida que se realizava o processo de diferenciação dos diferentes campos.

Os esquemas do inconsciente sexuado não são alternativas estruturantes fundamentais [...] e sim estruturas históricas altamente diferenciadas, nascidas de um espaço social por sua vez altamente diferenciado e que se reproduzem através da aprendizagem ligada à experiência que os agentes tem das estruturas desses espaços (BOURDIEU, 2002, p.124).

Bourdieu (2002) considerou a unidade doméstica o espaço privilegiado da dominação masculina, tanto física como simbólica.

No entanto, o princípio de perpetuação dessa relação assimétrica de domínio da força material e simbólica masculina que aí se exerce, certamente encontra seu lugar fora do ambiente familiar. É nas instâncias das instituições em geral que esse princípio se aninha.

Bourdieu (2002) defendeu veementemente a tese de que o desaparecimento progressivo da dominação masculina só será possível por meio de uma ação política que realmente considere todos os efeitos da dominação – que se exerce com a cumplicidade das estruturas incorporadas dos *habitus* e das estruturas de grandes instituições – em que a ordem masculina e a ordem social como um todo é reproduzida.

## Considerações finais

A pesquisa de natureza etnológica realizada por Bourdieu entre os cabilenses ao norte da África possibilitou-lhe a busca e o encontro de explicações sobre os princípios de visão e divisão que ao serem incorporados funcionam como esquemas de percepção, de pensamento e ação basicamente arbitrários.

Em sua obra *A Dominação Masculina* fruto de seus estudos em Cabília e referenciada no texto o autor explica sua tese, apontando o centro nevrálgico da questão : os mecanismos históricos responsáveis pela desistorização e eternização das estruturas da divisão sexual e os princípios em que se assentam esta divisão.

Sua preocupação principal foi mostrar o processo histórico das lutas entre grupos e classes sociais pela imposição de um arbitrário cultural. A matriz dos significados dominantes funciona como mascaramento desse arbitrário cultural e do caráter arbitrário da dominação masculina, fundamentalmente simbólica.

O princípio da perpetuação da dominação masculina encontra-se inscrito para além da unidade doméstica envolvendo as demais instituições sociais como O Estado, a Escola, a Mídia etc.

Na complementação de seus estudos sobre o tema em questão, Bourdieu defendeu veementemente a tese de que o desaparecimento progressivo da dominação masculina só será possível mediante uma ação política que realmente considere todos os efeitos da dominação que se exerce com a cumplicidade das estruturas incorporadas dos *habitus* e das estruturas das grandes instituições em que a ordem masculina e a ordem social como um todo é reproduzida.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOURDIEU, P.; PASSERON, C. **A reprodução**: elementos do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

SETTON, M. G. J. A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu : uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. n.20, p.60-70, maio/jun./jul./ago. 2002. Disponível em [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br).

